

Reflexões e perspectivas sobre a prática do jornalismo cultural no jornal impresso A Crítica a partir dos ecossistemas comunicacionais¹

Ernesto Renan Melo de Freitas PINTO²
Hanne Assimen CALDAS³
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

RESUMO

Este trabalho visa contribuir na reflexão acerca do jornalismo cultural produzido pelo jornal impresso de extensa credibilidade da cidade de Manaus, o jornal A Crítica. O foco desse artigo é abrir um debate reflexivo e de perspectivas em torno da produção do caderno de cultura Bem Viver. Além disso, esse momento de reflexão tem como base os Ecossistemas Comunicacionais, isto é, o pensamento fundante do mestrado em Ciências da Comunicação da UFAM. Considera-se relevante o jornalismo cultural de modo geral e especificamente o desenvolvido na Amazônia, pois se trata de uma temática de grande valia para destacar as potencialidades locais, seja por meio da gastronomia, artesanato ou turismo. Trilhas que pretendemos investigar como estão sendo desenvolvidas por esse jornalismo que tem como base a credibilidade, a imparcialidade e a objetividade.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo Cultural; Ecossistemas Comunicacionais; Jornal A Crítica; Bem Viver.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 06 a 08 de julho de 2016.

² Professor e orientador no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, fomentada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), email: hassimen@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo é uma produção entusiasmada pelo desenvolvimento da pesquisa de mestrado intitulada “Do Criação ao Bem Viver: estudo ecossistêmico da metamorfose do caderno de cultura do jornal A Crítica”, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Vale ressaltar, a pesquisa no mestrado visa à análise da metamorfose que o caderno de cultura do jornal A Crítica vem passando ao longo dos anos, sendo desde o caderno Criação até atualmente o caderno que dedica espaço ao tema chamado de Bem Viver. Porém, aqui iremos ter como foco somente a produção atual de cultura desse jornal, mas sem entrar no mérito de uma edição específica, mas no produto enquanto totalidade.

Desse modo, esse trabalho tem a intenção de refletir sobre a prática do jornalismo cultural em sua totalidade, e mais especificamente na cidade de Manaus, sobre a prática do caderno de cultura do considerado principal jornal impresso e de maior circulação da cidade, e por vezes do Amazonas, jornal impresso A Crítica, a partir da visão dos ecossistemas comunicacionais.

Levantar um debate acerca do jornalismo cultural tanto na esfera nacional, quanto local, é de fundamental importância, pois se trata de um tema que vem passando por constantes transformações e também vem agregando cada vez mais temáticas à sua prática.

Esse debate germina ao perceber que o jornalismo cultural é um tema um tanto delicado e ao mesmo tempo instigante. Delicado pelo fato de ser uma temática que passou a ficar um tanto esquecida, ou sub explorada em relação aos demais jornalismo especializados como o esportivo, econômico ou político.

Por isso justamente instigante, pois se trata de um caso que desperta interesse em buscar as relações que contribuem para que isso se torne uma prática corrente. Desse modo, consideramos que é preciso pensar esse problema de forma ecossistêmica, o que significa levar em consideração todos os fatores que possam contribuir para essas produções acerca do jornalismo cultural local.

Isto é, todas as possíveis relações econômicas, sociais, políticas, culturais que possam estar veladas nos meandros dessas interações entre jornalismo cultural apresentado por meio das mídias, principalmente impressa, e sua ligação com os ecossistemas.

CONCEITOS ENVOLVIDOS

ECOSSISTEMAS COMUNICACIONAIS

Os ecossistemas comunicacionais constituem um novo horizonte para a pesquisa dos processos comunicativos, isso porque entrelaçam diversas áreas do conhecimento, tais como, comunicação, ecologia, semiótica e imaginário. Por isso, considera as diversidades cultural, social, tecnológica, biológicas etc, sempre emaranhadas em relações ecossistêmicas.

Pereira (2011) explica que o conceito deriva de uma visão ampliada dos estudos dos fenômenos comunicacionais articulados com outras ciências, tais como a biologia (Maturna e Varela), a nova física (Capra) e do pensamento complexo (Morin).

O PPGCCOM/UFAM se apropria dessa perspectiva por meio da realização de estudos em educomunicação (Claudia Guerra), em ecologia da mídia e semiótica (Mirna Pereira), e da ecologia profunda e da complexidade (Gilson Monteiro). A pesquisa, nesse contexto, diferencia-se dos estudos clássicos, uma vez que passa a tratar o fenômeno comunicacional integrado e, por isso em interação, como o meio em que ele se manifesta. A esse respeito, citamos o estudo de Pereira sobre a relação entre os jogos eletrônicos e seus jogadores, nesse caso, as crianças.

Pereira (2011) apresenta as origens da abordagem ecossistêmica no livro “Comunicação Mídiatizada na e da Amazônia”. Segundo a pesquisadora, o conceito deriva de uma visão ecológica da comunicação desenvolvida de 2001 a 2005 no contexto de uma pesquisa de doutoramento, realizada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Desse modo, observa-se que os ecossistemas comunicacionais estão envolvidos com as relações entre diferentes sistemas que interagem formando processos sógnicos. Assim, Pereira (2011) apresenta o resultado de uma visão conceitual:

Investigar os processos comunicativos na perspectiva dos ecossistemas comunicacionais compreende, antes de tudo, entender que a comunicação não é um fenômeno isolado; ela envolve um ambiente cultural que ao mesmo tempo interfere e possibilita a construção, a circulação e a significação das mensagens. Significa que o ambiente que a envolve é constituído por uma rede de interação entre sistemas diferentes e que estes, embora diversos, dependem um do outro para coexistir (p. 51).

Isto é, Pereira inicia sua pesquisa por uma perspectiva ecológica, a qual fora o início desse pensamento. Porém, ao dar prosseguimento à sua pesquisa, percebe que é possível ir além e realiza o deslocamento do conceito para a aplicação à comunicação no seguimento

da cultura. Ou seja, seu pensamento entende a cultura como uma esfera complexa de relações a ser explorada e compreendida pela perspectiva das inter-relações do processo comunicacional.

Monteiro e Colferai (2011) também desenvolvem pesquisa a partir do pensamento ecossistêmico e consideram que um ecossistema comunicacional possibilita a mobilização social de um grupo e nele nenhum ser é excluído e todos têm uma contribuição.

Sociedade, natureza e tecnologias da informação e comunicação são elementos que precisam ser tomados como constituidores da vida cotidiana do amazônida para que nos aproximemos de uma tradução da realidade da Amazônia. Pensamos aqui em ecossistemas comunicacionais, entendendo que ‘num ecossistema, nenhum ser é excluído da rede. Todas as espécies, até mesmo as menores dentre as bactérias, contribuem para sustentabilidade do todo’ [...] (p. 43).

Desse modo, para os autores, pensar de forma ecossistêmica é pesquisar de modo que extrapole os seus limites a partir de um objeto particular a fim que se torne universal. Ou seja, usam o pensamento ecossistêmico como alternativa para estudar os fenômenos da região amazônica, de modo que as potencialidades desse lugar dialoguem e contribuam com a ciência em sua universalidade.

Compreende-se, portanto, que a comunicação também envolve um ambiente cultural onde a construção, a circulação e a significação das mensagens se ressignificam constantemente. Assim, esse ambiente cultural/comunicacional é constituído por uma rede de interações entre diferentes sistemas interdependentes que resultam em ecossistemas. Logo, o jornal A Crítica e, por conseguinte, as suas seções editorial e gráfica abrigam ecossistemas de serviços, informações, entretenimento e ideias.

Assim, pela sua tendência a uma abertura, consideramos que o jornalismo cultural constitui um ecossistema comunicacional. Compreendemos como produção dessa natureza os textos propriamente informativos voltados para a temática cultura e os ensaios, artigos, as críticas, resenhas e crônicas.

CULTURA E JORNALISMO CULTURAL

Antes mesmo de tratar sobre jornalismo cultural, é de fundamental importância fazer um breve debate quanto ao termo cultura, levando em consideração sua importância no cerne da prática desse jornalismo especializado. Porém, não é fácil definir o termo ‘cultura’, pois este envolve costumes e valores de uma sociedade e ao longo do tempo muitos são os rótulos e interpretações acerca do termo.

Um primeiro passo é entender o significado do termo cultura na linha da história. Santos (1989) apud Carvalho (1997) se dedica a esse trabalho, resgata sua origem e explicita:

Cultura é palavra de origem latina e em seu significado original está ligada às atividades agrícolas. Vem do verbo latino ‘colere’, que quer dizer ‘cultivar’. Pensadores romanos antigos ampliaram este significado e o usaram para se referir ao refinamento pessoal, e isto está presente na expressão ‘cultura da alma’. Como sinônimo de refinamento, sofisticação pessoal, educação elaborada de uma pessoa, cultura foi usada constantemente desde então e o é até hoje (p.01).

Os estudos de Santos também nos mostram que a cultura em seu início era muito voltada para definir pessoas cultas ou incultas, ou seja, letradas ou iletradas. Porém, com o tempo o termo passou a tomar uma roupagem mais sociológica e com isso passando a agregar muito mais que as pessoas, mas tudo que compõe uma sociedade ou comunidade.

Desse modo, torna-se indispensável utilizar os escritos de um dos principais pensadores contemporâneos sobre cultura, Pierre Bourdieu. Segundo Ballerini (2015) Bourdieu tem uma visão de cultura que merece atenção especial, pois a considera fundamental para entender o processo do jornalismo cultural no Brasil e no mundo.

As teorias sobre cultura de Bourdieu são fundamentadas no que o autor denomina de *poder simbólico*, constituído por diferentes fatores: o mito, a língua, a arte, a ciência, a religião etc., os quais são exercidos como instrumentos de dominação na sociedade. O autor explica que o poder simbólico é um poder invisível, não notado (velado), não econômico e nem político, mas predominantemente exercido de forma subliminar no contexto social.

Outro pensador que traz contribuições acerca da cultura e que tem similaridade com Bourdieu é Edgar Morin. Morin (1962) apud Ballerini (2015) defende que a cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções. E tudo isso ocorre por meio de trocas simbólicas, que ocorre de geração para geração.

Porém, com base na pesquisa em desenvolvimento, pretendemos adotar uma perspectiva com uma visão voltada para a caracterização da cultura amazônica. A obra “Cultura amazônica: uma poética do imaginário” de Jesus Paes Loureiro nos auxilia a entender um misto de fatores que compõem esse cenário que ainda causa tantas incógnitas no que tange a se considerar uma cultura da Amazônia.

Entende-se aqui por uma cultura amazônica aquela que tem sua origem ou está influenciada, em primeira instância, pela cultura do caboclo. É evidente que esta é também o produto de uma acumulação cultural que

absorveu e se amalgamou com a cultura dos nordestinos que, em épocas diversas, mais especialmente no período da borracha, migraram para a Amazônia (LOUREIRO, 2015, p. 49).

É coerente o pensamento do autor, porém é necessária uma atualização: além dos nordestinos que por aqui passaram e ainda muitos permanecem, é preciso levar em consideração a contribuição dos demais povos que por aqui passaram e permanecem constantemente, seja do sul, sudeste, centro-oeste e também os estrangeiros, os quais realizam trocas culturais com a nossa cultura de forma perene.

[...] a persistência da cultura cabocla diante das outras contribuições que viriam a ocorrer nas últimas décadas foram fatores que atuaram sobre esse universo isolado, a fim de conferir à sociedade que nela vive características singulares que a diferenciam no conjunto da sociedade nacional (LOUREIRO, 2015, p. 47).

Nesse caso cabe o conceito de *hibridização*, proposto por Canclini (1996). O termo abrange toda e qualquer mescla entre culturas seja erudita, popular ou massiva. Vale ressaltar que o conceito não exclui a possibilidade de haver conflitos nessa interação de culturas, ou seja, pode existir uma coexistência pacífica, mas também um sufocamento da cultura menos predominante (BALLERINI, 2015).

Dessa feita, entendemos que não é fácil definir o termo “cultura”, tendo em vista ser um conceito que envolve subjetividade e múltiplas interpretações dos sujeitos históricos, o qual implica no fato de qualquer tentativa também de delinear um conceito concernente à prática do jornalismo cultural podemos estar cometendo o erro de mantê-lo na superficialidade.

No que diz respeito sobre o surgimento da prática do jornalismo cultural no Ocidente, adotamos a obra “Jornalismo Cultural” de Daniel Piza (2013), onde explica que um dos marcos mais emblemáticos dos princípios do jornalismo cultural se dá por volta de 1711. Ano este em que os ensaístas ingleses Joseph Addison e Richard Steele criaram a revista *The Spectator* com o intuito de tirar a filosofia dos lugares tradicionais e fazê-la circular nos ambientes mais cotidianos, como nos cafés e clubes.

[...] o jornalismo cultural, dedicado à avaliação de idéias, valores e artes, é produto de uma era que se inicia depois do Renascimento, quando as máquinas começaram a transformar a economia, a imprensa já tinha sido inventada (por Gutemberg em 1450) e o Humanismo se propaga da Itália para toda a Europa [...] Filho do ensaísmo humanista, o jornalismo cultural inglês ajudou a dar luz ao movimento iluminista que marcaria o século XVIII (PIZA, 2013, p. 13).

De seu início no século XVII, o jornalismo cultural só passa a ter força no Brasil no final do século XIX, o qual revela muitos escritores brasileiros e dentre eles os maiores escritores nacionais, como Machado de Assis e José Veríssimo. Segundo Piza depois dessa geração pioneira os jornais e revistas passam a dar espaço ao crítico profissional e informativo, aquele que reflete sobre a cena literária e cultural. O ápice da crítica em jornal no Brasil começou nos anos 40 e foi até o final da década de 60.

Quanto à conceituação do jornalismo cultural, destacamos aqui, por meio do exposto por Ballerini (2015), quatro autores e suas respectivas concepções acerca do tema, ao passo que consideramos relevantes suas colocações.

Cremilda Medina (2001) comenta que o jornalismo cultural é fruto da industrialização e divisão do trabalho. Antigamente os suplementos literários reuniam artes, ciência e filosofia e não tinham fronteiras entre as temáticas. A divisão em editorias surgiu com estímulo da proposta empresarial.

Para José Salvador Faro (2009), o jornalismo cultural é um espaço que se ocupa por produções meramente mercantil e intelectual. Defende também que esse jornalismo especializado transcende o aspecto informativo e construtor da realidade, pois ele molda a percepção, a interpretação e condiciona o leitor na recepção de sentidos sobre cada temática selecionada.

Já Edgar Morin (2001) considera que a função do jornalismo cultural é manifestar de forma clara e acessível que em toda grande obra (literatura, poesia, música, pintura, escultura), tem em seu contexto um pensamento profundo sobre a condição humana.

E para Jorge Rivera (2003) jornalismo cultural é uma área que envolve meios, gêneros e produtos que abordam com finalidade criativa, crítica, reprodutiva ou de divulgação das 'belas-artes', 'belas-letras, e outros aspectos que tem ligação com a produção, circulação e consumo de bens simbólicos.

Com relação a prática desse jornalismo especializado, analisando a temática no Brasil, Daniel Piza (2013) ressalta que desde a década de 90 a tendência do jornalismo cultural tem se expandido para além da cobertura dos assuntos voltados às Belas Artes, passando a ter espaço e destaque assuntos como moda e gastronomia.

Com uma observação mais atualizada, podemos incluir também o design, o turismo, a decoração, a arquitetura, a gastronomia, a grade de programas de televisão, moda, comportamento, estilo de vida, etc. Fazendo uma análise desde os grandes jornais brasileiros e até mesmo locais, fica fácil perceber o quanto todas essas combinações se

mesclam facilmente desde a crítica literária e artística até as informações que circundam a cultura.

Porém, em outra perspectiva, podemos considerar que os artigos sobre essas temáticas locais como gastronomia, turismo, ou mesmo decoração com elementos extraídos da natureza, podem ser vistos como uma forma de preservar a cultura amazônica, o que nos interessa nesse percurso investigativo.

Daniel Piza (2013) reflete com relação aos textos de jornalismo cultural atual e destaca três pontos negativos. Primeiramente, o intenso atrelamento à agenda cultural da cidade. Assim, a proximidade de um evento é o pré-requisito de uma pauta. O segundo ponto é o tamanho e a qualidade dos textos. É um release produzido e/ou reproduzido no jornal. E o terceiro é a marginalização da crítica dentro do espaço desses cadernos, pois quando há algum tipo de análise é superficial, sem fundamentação.

Diante dessas concepções e estudos em torno do jornalismo cultural, pretendemos seguir as trilhas expostas para investigar e analisar as potencialidades desse jornalismo desenvolvido pelo jornal impresso A Crítica e o que está sendo transmitido com a sua ocorrência através de suas produções.

JORNAL IMPRESSO A CRÍTICA

A Crítica surgiu em 19 de abril de 1949, fundado por Umberto Calderaro Filho, amazonense com experiência jornalística em O Globo, jornal carioca criado por Roberto Marinho. O nome A Crítica veio do jornal Crítica, editado pela família de Nelson Rodrigues. Em Manaus, já circulavam o Jornal do Commercio, O Jornal (1930), Diário da Tarde (1937) e A Tarde (1937). Dos jornais dessa época circulam apenas o Jornal do Commercio e A Crítica. Dos que surgiram depois de A Crítica, mantêm-se em circulação o Diário do Amazonas e o Amazonas em Tempo.

Quanto ao contexto dos jornais que circulavam na cidade na época de 1949, registra-se:

Os periódicos que circulavam frequentemente eram o Diário da Tarde, A Tarde e A Gazeta (vespertinos) e O Jornal e Jornal do Commercio (matutinos). Nessa época, o jornal A Crítica entrou no mercado, contando com caixas de tipos, um prelo, máquina antiga de impressão, e mais alguns materiais gráficos [...] (TAVEIRA, 2001, p. 03).

Hoje o jornal circula de segunda a sábado, com cinco cadernos, e no domingo com sete cadernos: o primeiro caderno, com as seguintes seções: Primeira Página (manchete e

chamadas), opinião, Brasil, Mundo e Política); Craque (Esportes); Vida & Estilo (saúde, moda, tendências, culinária etc.); + Dinheiro (negócios, empreendimentos e mercado financeiro); Cidades (cotidiano das cidades do Amazonas); Bem Viver (programação cultural etc.); e Classificados. Assim, A Crítica se constitui no jornal com nível diferenciado de organização gráfica e editorial em relação aos demais, inclusive com maior volume de informações.

O caderno de cultura, o Bem Viver, circula todos os dias e, na maioria das vezes, apresenta a seguinte configuração alfanumérica: (BV1: manchetes e chamadas); (BV2: entrevista com personalidades de sucesso); (BV3: Shows); (BV4: Coluna Social); (BV5: Seriadados); (BV6: coluna social); (BV7 Estreias de filmes, séries, programas); (BV8: novelas/TV); (BV9: coluna social); (BV10: matérias diversas); (BV11: viagem); e (BV12: Holofote).

O caderno Bem Viver é composto por 12 páginas. Trata-se de um caderno onde o leitor encontra extenso material sobre as ‘maravilhas’ e oportunidades que a cultura nos oferece, tanto regional quanto e principalmente nacional e internacional.

REFLEXÕES E PERSPECTIVAS SOBRE A PRÁTICA DO JORNALISMO CULTURAL NO JORNAL A CRÍTICA

A partir da descrição do caderno de cultura do jornal A Crítica, o Bem Viver, é possível perceber que se trata de uma produção pouco voltada para a cultura local. Em sua maioria, o caderno apresenta temas voltados para acontecimentos culturais das demais regiões do país e também para outras localidades fora do Brasil.

Tendo como base um recorte dado em outubro de 2015, por ser o mês de aniversário da cidade de Manaus, e tendo analisado quatro edições de domingo desse caderno de cultura durante uma disciplina ministrada pelo PPGCCOM, foi possível encontrar os seguintes resultados:

1) todas as manchetes diziam respeito aos programas transmitidos pela Rede TV, emissora de televisão na qual a Rede Calderaro de Comunicação também é filiada;

2) agendamento de eventos locais são prioritariamente provindos dos órgãos que estejam vinculados ao município ou estado;

3) colunas sociais ocupam a maioria das páginas, pelo menos quatro delas, e transbordam com o colorido das fotografias dos eventos da elite manauara e em sua maioria das celebridades nacionais;

4) resumo de novelas e personagens da TV sejam entrevistas, o novo trabalho que estão desenvolvendo, futuros projetos, vida pessoal, etc.;

5) a última página, nomeada de ‘holofotes’, mostram as últimas notícias sobre a vida das celebridades e as tendências da moda, tanto nacional quanto internacional.

Da ausência de críticas, crônicas e artigos sobre as produções culturais ao preenchimento das páginas com o sucesso e entrevistas de atores, convites a consumir mais reality-shows, resumo de novelas, vida das celebridades, etc. Essa é a marca do jornalismo cultural produzido no Bem Viver.

Isso mostra que o jornal procura divulgar os seus programas de TV e deixa em segundo plano as programações culturais locais. Isto é, o caderno cultural que se configura de um jornal local apresenta, em sua maioria, assuntos nacionais em detrimento do que está sendo produzido na região amazônica.

Vale ressaltar que esse contato com o que é produzido e conseqüentemente construído pelo caderno de cultura não ocorre somente de forma individual, mas principalmente no imaginário social / coletivo, tendo em vista ser o jornal um *mass media*.

É o que devemos levar em consideração. O público leitor⁴ entra em contato com a cultura externa, é sensibilizado por essa disseminação de ideias, e por fim busca meios de ter acesso a essas identidades. Seja assistindo séries, *reality-shows*, novelas ou se espelhando em padrões de beleza dos artistas nacionais, principalmente das grandes emissoras de TV.

Por outro lado não podemos só pensar no velho paradigma da Agulha Hipodérmica (emissor – mensagem – canal – receptor) e dizer que o público não possui filtros. O público tem crivos apurados, só que em sua maioria ainda é por meio da mídia. Ou seja, vai filtrar (tomar para si) o que a mídia mostra ou deixa de mostrar dado como ‘certo’ ou ‘errado’, ‘bonito’ ou ‘feio’, dentre outros paradigmas e estereótipos impostos pela mídia.

A mídia não obriga ninguém, mas estimula, sugere, seduz, e conseqüentemente, permeia o imaginário do público. Isto é, o público se pauta principalmente por meio dos veículos de informação, o que valida a premissa: o jornal contribui amplamente na construção do imaginário sobre cultura, seja local ou exógena.

Desse modo, ao analisar essa forma de produção do caderno de cultura Bem Viver, encontramos algumas relações ecossistêmicas. Como dito, o jornal apresenta mais a cultura de fora, ocasionando o que consideramos como *conflitos de cultura*, ou seja, quanto mais o

⁴ Consideram-se todas as classes sociais.

jornal apresenta identidades e preferências que não são locais, da Amazônia, mais o público toma para si essa outra cultura e acaba não reconhecendo a própria cultura. Isso influencia nas próprias relações dos sujeitos amazônidas, pois não se sentem pertencentes no que lhe é próprio, ou seja, há um estranhamento ou mesmo vergonha de reconhecer os hábitos da região, como o gosto pela culinária ou mesmo os atrativos turísticos da região, preferindo o os destinos ofertados pelo dito jornalismo cultural divulgado pelo jornal.

Dentre os temas explorados pelo jornalismo cultural, o jornal também apresenta locais, shows, espetáculos e cinemas considerados relevantes, o que está ligado às *relações econômicas de cultura*, ou seja, eventos considerados relevantes nesse ambiente, como shows, espetáculos, cinemas etc. Assim, esse caderno influencia nas escolhas da agenda cultural do público, o que seduz e induz o público a tomar certas decisões e não outras, como na escolha dos eventos.

Há também a forte presença das *publinotícias* que tomam conta das páginas do caderno, seja por meio de publicidade ou das matérias pagas, elas permeiam o jornal de maneira sutil dentre as demais notícias culturais, o que determina o conteúdo programático do jornal, ou seja, a publicidade implica na entrada ou saída de uma matéria sobre a temática cultura.

É preciso lembrar que esses pensamentos se tocam e se entrelaçam, unindo-se numa perspectiva de pesquisa amazônica e na Amazônia, proposta pelos ecossistemas comunicacionais. Nesse sentido, concordamos que:

[...] pensar Manaus, sua cultura, e seus ecossistemas comunicacionais, pode configurar-se em exercício destas sociologias transgressoras propostas por Boaventura [de Sousa Santos], no sentido de propiciar a construção de uma realidade mais rica, não subsumida apenas às narrativas já existentes, moldadas por determinação ideológica de hegemonias [...] (FREITAS, 2012, p.88).

É preciso pensar Manaus e conseqüentemente sua cultura de uma forma diferenciada, não peculiar como tem sido feito por vários que por aqui passaram, mas de uma forma em que seja possível enriquecer e propiciar novos olhares, debates e até mesmo esboçar de forma seminal novos conceitos sobre a cultura manauara. Conseguindo com isso se desfazer das amarras das narrativas já impostas pela ideologia hegemônica, seja pela grande mídia, pessoas influentes ou por outros meios.

Desse modo, como breve reflexão, podemos notar que essas interações que acontecem no jornal, e especificamente no caderno Bem Viver, só são possíveis devido ao pensamento ecossistêmico. E não poderia ser visto de outro modo, tendo em vista que todos

esses campos ao mesmo tempo em que são independentes também estão interconectados e principalmente influenciando-se mutuamente numa aspiração que pode ser configurada como fundamental na relação entre seres humanos, natureza e conhecimento.

CONCLUSÃO

Com base em nosso debate reflexivo, percebe-se que a prática do jornalismo cultural desenvolvido pelo jornal A Crítica se dá de forma ecossistêmica. Assim, é notório que o jornal busca cada vez mais uma abertura ao que é externo à Amazônia.

A partir dessa breve análise, também fica exposto a necessidade de voltar o olhar e explorar o que é da cultura local. Porém, precisa ser um olhar que vá além do considerado principal característica dos municípios Amazonas, como o Festival dos Bois em Parintins, a Ciranda em Manacapuru e a Festa do Cupuaçu em Presidente Figueiredo, e também dos demais estados da região norte, mas pensar a cultura local como diversos sistemas que estão em constante movimento e construção.

Isso significa levar em consideração as demais atividades e costumes dos nossos povos, como o modo de preparo dos alimentos da gastronomia do local com os peixes e frutos da região, as belezas naturais como rios e cachoeiras, a produção dos artistas locais, os fenômenos naturais da Amazônia, enfim a própria história da região.

Com isso percebemos que o jornal A Crítica, por meio do caderno de cultura Bem Viver, pode ser um grande impulsionador para a construção e disseminação dessa cultura local. Somente é preciso que o jornal repense o lugar em que se encontra para que seja possível filtrar o que é próprio da cultura amazonense e amazônica e saiba lapidar essa fonte de significados.

Portanto, é preciso pensar o Amazonas e a Amazônia com um novo olhar, sem as amarras dos velhos paradigmas e estereótipos que aqui se instalaram durante décadas, mas saber que esse lugar possui grandes potencialidades e que precisa ser documentado em sua trajetória cultural para que não se perca no tempo e na relação dos sujeitos que contribuem na construção dessa história cultural.

REFERÊNCIAS

BALLERINI, Franthiesco. **Jornalismo cultural no século 21**: literatura, artes visuais, teatro, cinema e música: a história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática / Franthiesco Ballerini. – São Paulo: Summus, 2015.

CARVALHO, Yara Montenegro Bittencourt. A cultura nos cadernos de cultura: um estudo comparativo entre quatro cadernos de cultura de irculação nacional e três cadernos de cultura de Manaus. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1997.

FREITAS, Ítala Clay de Oliveira. **Tramas Comunicativas da Cultura**. A dança no jornalismo impresso em Manaus (1980 – 2000). Tese defendida pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica** – uma poética do imaginário. João de Jesus Paes Loureiro. 5ª ed. – Manaus: Editora Valer, 2015.

MALCHER, M.A.; SEIXAS, N.S.A.; LIMA, R.L.A.L.; FILHO, O. A. (orgs.). **Comunicação Mdiatizada na e da Amazônia**. Belém: Fadesp, 2011.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 4ª ed. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2013.

TAVEIRA, Eula Dantas. **A história do jornal de maior circulação do Amazonas**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), 2001.